

grande imprensa continuava sem encontrar sua linguagem específica, insistindo nas expressões da literatice vulgar: “desbravar veredas para a perfeição”, “estro maravilhoso”, “oficina das idéias”, “procissão de admiradores e amigos”, “quietude bucólica”, “báratro dos nossos subúrbios”, “jóias florentinas”, etc.

A nota nebulosa irmanava-se à nota grandiloquente, como quando da catástrofe do *Aquidabã*, em 1906. Mas aproximava-se, também, da nota virulenta, que presidia o noticiário e os artigos políticos. A fundação e a ascensão da Academia Brasileira de Letras, no fim do século XIX, e a abertura da Avenida e as outras obras urbanísticas de Pereira Passos, no início do século XX, determinando ou contribuindo para a liquidação da boemia literária, emprestavam às letras, agora, uma certa solenidade, um pouco postiça e até grotesca. De vez em quando, e nos cenários mais inadequados, alguém quebrava louças ainda, como Sílvio Romero, na recepção a Euclides da Cunha, na Academia, a 18 de dezembro de 1906. Presente o presidente Afonso Pena, Sílvio entrou de rijo na crítica à política dominante, começando pelo que se relacionava com o café: “A singular rubiácea, incrível fato! — proclamou — dá hoje para enriquecer com milhões as casas importadoras do Havre, Hamburgo, Londres, Nova Iorque e as filiais exportadoras que aqui montaram, além dos grandes torradores estrangeiros, e só não chega para enriquecer quem a produz: o fazendeiro nacional, reduzido à miséria com a agravação dos impostos. (. . .) Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palácios Monroe, quando a mor parte da gente mora em estalagens e cortiços. (. . .) Os governos, os chefes políticos, os diretórios dos partidos, os grandes, os potentados, todos os que formam essa classe dirigente que nada dirige não têm querido cumprir o seu mais elementar dever para com as populações nacionais. . .”(215)

O que fizera desaparecer a boemia, entretanto, não fora a obra de Pereira Passos, mas a generalização de relações capitalistas com as quais ela era incompatível; é essa mesma causa que começa a exigir alterações na imprensa. Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os políticos com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. Aos